

# O futuro da educação matemática e a APM

Rita Bastos

A educação matemática continua a ser um assunto de atenção especial da parte dos nossos governantes, dos órgãos de comunicação social, dos políticos e da sociedade civil em geral. Ainda há pouco tempo pudemos sentir o impacto que teve nas rádios e jornais a discussão pública do reajustamento dos programas de Matemática do ensino básico e em Dezembro, no âmbito da presidência portuguesa da União Europeia, realizou-se na Faculdade de Ciências da Universidade de Lisboa uma conferência internacional subordinado ao tema *The Future of Mathematics Education in Europe*.

Infelizmente, porque tinha compromissos na minha Escola, não pude estar presente nesta conferência que reuniu alguns nomes importantes da educação matemática, que eu gostaria de ter ouvido. O que me pareceu deveras estranho foi que em Portugal a organização tenha sido entregue a departamentos de Matemática das Universidades e que apenas uma pessoa ligada à Educação Matemática tenha sido convidada a fazer uma pequena intervenção num painel. O que significa isto? Que, tal como parece veiculado muitas vezes, de forma simplista, pelos órgãos de comunicação social, também os responsáveis pelos convites dos portugueses na Conferência acham que não é preciso ser especialista para analisar e propor soluções para os problemas da educação matemática em Portugal?

Há vinte e poucos anos, quando se fundou a APM, havia apenas um doutor em Educação Matemática em Portugal, e julgo que nenhum mestre. Mas hoje não, hoje há centros de investigação em educação e educadores matemáticos nas universidades e institutos politécnicos de todo o país. Produz-se investigação em Educação Matemática a um ritmo considerável e, associadas à formação inicial e contínua de professores, aparecem também materiais curriculares e documentos de apoio ao trabalho do professor; fazem-se encontros de professores; organizam-se actividades para alunos; desenvolvem-se projectos de vários tipos; tudo isto contribuindo para melhorar o ensino da Matemática. Quando a APM nasceu, e durante alguns anos, actividades destas eram quase exclusivamente promovidas pela associação.

Talvez seja por isso que o número de sócios começou a decrescer a partir do ano 2000. Talvez haja menos sócios a participar activamente na APM, porque participam e trabalham noutros contextos também. Talvez tenhamos que repensar o papel da APM no futuro próximo, agora que há muito mais instituições a desenvolver o mesmo tipo de actividades, com os mesmos objectivos. O que é que a APM tem de especial? Em que é que a APM se distingue dessas instituições, que justifique a sua continuação? E como é que a APM se deverá organizar face à nova realidade? Esta é uma

reflexão que não tem cabimento aqui, mas que proponho que façamos no interior da Associação.

Sobre a realidade nas escolas, tenho falado com muitos colegas e o desânimo é grande. Os que mais têm investido na profissão sentem-se cansados e frustrados porque não sentem o seu trabalho reconhecido, nem pela tutela nem por alunos e encarregados de educação. O que parece ser importante é ter “resultados” visíveis e mensuráveis, sobretudo na avaliação externa. O resto — os problemas que um aluno resolveu, o trabalho de investigação que levou até ao fim, o processo de trabalho e os produtos que resultaram de um projecto, a capacidade de trabalhar com outros num clima de confiança e respeito, a curiosidade científica que foi crescendo, o entusiasmo em aprender coisas novas e a autonomia adquirida — tudo isso são resultados de aprendizagens que sempre valorizámos na APM, mas que parecem ter pouco ou nenhum valor para outros.

Quem melhor que nós, professores, para continuar a lutar por uma educação matemática de qualidade, para todos os alunos, na escola pública? Lutar na prática, no terreno, com o nosso saber-fazer, partilhando com os nossos pares os problemas e os sucessos que vamos conseguindo no dia a dia? Lutar também, junto dos decisores políticos, para que vejam para além das estatísticas de resultados, o que se passa nas nossas escolas e com os nossos alunos e decidam pelas medidas mais adequadas. Se nós continuamos a acreditar que podemos fazer a diferença na educação matemática dos nossos alunos, se queremos ter uma palavra a dizer relativamente às políticas educativas, se queremos promover autonomamente o nosso desenvolvimento profissional para nos sentirmos cada vez mais capazes, só o conseguiremos fazer organizados, e por isso a APM continua a fazer todo o sentido.

Na sua intervenção no encerramento da conferência *The Future of Mathematics Education in Europe*, Allan Schoenfeld propôs um único ponto para a agenda da Educação Matemática na Europa de hoje: tornarmo-nos *sense-makers*, “fazedores de significados”, se traduzirmos à letra. Os nossos alunos precisam de compreender a Matemática, a sua natureza e o seu lugar na sociedade. Nós, professores, temos que pensar a Escola que queremos e o lugar da Matemática nessa Escola. Temos que aprender muito também, para saber cada vez mais imprimir significados às aprendizagens dos nossos alunos. Podemos fazê-lo no seio da APM, com a força que sempre lhe foi reconhecida por todos, até pelos seus críticos mais convictos, com a criatividade que o associativismo sempre potenciou e com o entusiasmo de quem acredita e gosta do que faz.

Rita Bastos

Presidente da Associação de Professores de Matemática